



*José Cardoso Pires*

## É RESSACAS DA COCA-COLA

**É**ramos para aí não sei quantos a bordo dum Airbus da Ibéria, a caminho da Revolução. Guiava-nos a estrela de Kadhafi, longe, cada vez mais longe, da estupidez americana chefiada pelo KGB Edgar Hoover, que era um Béria mafioso disfarçado de caixeiro-viajante do Tio Sam.

A peregrinação teve lugar na data das comemorações da Revolução Líbia e nesse ano incluía portugueses de várias tendências, desde empresários filiados na Bolsa de Valores de Lisboa a um militante do CDS. Delegados de partidos de esquerda, vários. Militares,

**Quando o avião da Ibéria levantou voo de Tripoli, declarou-se uma rebelião de alegria entre todos os passageiros. As hospedeiras de bordo sorriam-nos com cumplicidade e desfilaram pelo corredor com tabuleiros carregados de copos de “whisky”.**

dois ou três. Escritores, só eu — o que me levou a concluir que o Edgar Hoover lá da Líbia tinha os computadores literários um bocado desfasados.

E daí talvez não. Provavelmente Muammar al Kadhafi soubera que eu nunca tinha lido o seu “Livro Verde” e resolvera chamar-me a Tripoli para me pôr em dia.

Fui e aprendi. Além do país saído dum colonialismo rasteiro e dos massacres da Afrika Korps, queria ver o líder revolucionário naqueles uniformes à Yves Saint-Laurent com que ele se sobrepõe aos fardamentos dos mare-

chais de todo o mundo. É que há uma sacralização elegante no figurino Kadhafi, por oposição ao fanatismo que transpira das fardetas dos fundamentalistas barbudos e enchapelados que paternalizam Israel, e isso, que diabo, conforta.

Mas do “design” de Kadhafi e dos fabulosos empreendimentos que ele está a desenvolver, utilizando a alta tecnologia alemã, italiana ou francesa, toda a gente sabe. Do seu armamento sofisticado, também. Da sua política subterrânea, idem, embora aí com muito mistério pelo meio. Difícil, difícil, é perceber o resto. A lógica do todo. A paisagem mental.

Claro que para lá de tudo isto havia o turismo aos centros de modernização avançada, os banquetes menos formais e principalmente as excursões ao deserto, tão do gosto do curioso.

Mas fotografias montado num camelo não são comigo e camelo no prato, disfarçado de bife ou de monumento culinário, ainda menos. Além disso, de Tripoli tinha visto tudo: hotéis de luxo à beira do Mediterrâneo, ruelas em labirinto, automóveis do último modelo em avenidas ao desmazelo e árabes sentados à porta em cadeiras de sala, à espera do Maomé. De modo que, ao terceiro ou quarto dia, amuei. Sem Tripoli, sem deserto e sem banquete, exilei-me no bar do hotel a ler o “Livro Verde”, que, para mim, se tornou daltónico por causa da coca-cola que era obrigado a ingerir naquela terra santa, onde não se servia álcool nem aos malditos.

Bebedeiras de coca-cola, se alguma vez se viu tal coisa! Com certeza que foi por isso que, do Corão de Kadhafi, só me ficaram ensinamentos obtusos como aquele em que se diz que os jardins de infância são uma armadilha ca-

pitalista para separar as mães dos filhos do seu lugar natural, que é o lar.

O pior é que nem no bar os oficiais das relações públicas me davam descanso. À hora duma cerimónia qualquer, vinham ter comigo para me conduzirem ao carro que me esperava à porta do hotel. Dirigiam-se-me num inglês impecável, eu recusava com um pretexto delicado, eles passavam então ao inglês beduíno para insistirem em levar-me, e, de teimosia em teimosia, desatavam a discursar em árabe na esperança de que o Profeta me iluminasse na versão original.

Não iluminava, está visto. Mas obrigava-me a pensar que esta “estratégia do diálogo” era uma arma terrorista, como vim a saber depois.

Aconteceu isso com um jornalista brasileiro que, dum momento para o outro, desapareceu do mapa sem deixar rasto nem porquê. Corridas à Embaixada, contactos com a polícia, tudo em vão. Até que finalmente o homem ressuscitou. Tinha estado preso, porque lhe encontraram no quarto um “Playboy” carregadinho de fotografias de mulheres nuas, nu-díssimas — uma arma de subversão que, aqui para nós, só um terrorista absoluto se lembraria de utilizar num país civilizado.

“O pior”, contou-me o jornalista, ainda gelado de medo, “o pior foi que só me interrogaram em árabe. Em árabe, está vendo? Você imagina o que é ser interrogado durante um dia e uma noite numa língua de que você não entende uma sílaba?”

Mal ouvi isto, mandei vir logo coca-cola. Depressa, coca-cola, mais coca-cola para não pensar no desprezo, na angústia e na despersonalização que pode desencadear um “brainwashing” linguístico como aquele. ●